



**CONGRESO
IBEROAMERICANO**
DE CIENCIA, TECNOLOGÍA,
INNOVACIÓN Y EDUCACIÓN

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

**CONGRESSO
IBERO-AMERICANO**
DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRO 2014

O uso de recursos midiáticos nas aulas de Filosofia de nível médio na era da tecnologia digital

VASQUES, J; DIAS, R

O uso de recursos midiáticos nas aulas de Filosofia de nível médio na era da tecnologia digital

Autores:

Joseane de Mendonça Vasques – Colégio Pedro II
joseanevasques@hotmail.com

Rosa Maria Dias – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
r.maria.dias@gmail.com

Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

Brasil

Eixo: Las TIC y La educación / As TIC e a educação

Eixo temático: Las reformas educativas y la incorporación de las TIC a la educación / As reformas educativas e a incorporação das TIC à educação

Categoria do trabalho: Comunicaciones / Comunicação oral

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo a reflexão crítica sobre o ensino de Filosofia em nível médio na era da tecnologia digital, além da apresentação de propostas de usos dos recursos midiáticos digitais – mais especificamente, vídeos disponibilizados em sites de amplo alcance, como o Youtube – nas aulas de Filosofia. A avaliação e a adequação das formas e dos conteúdos implicados no processo de ensino-aprendizagem são, sabidamente, componentes essenciais deste mesmo processo, e se tornam tanto mais importantes na medida em que se aceleram e radicalizam as transformações nos modos de vida (e de percepção da vida) na contemporaneidade. Considerando-se a especificidade da Filosofia como componente curricular que exige, de professores e alunos, o rigor, o aprofundamento, a abstração, além de um considerável volume de leitura, os desafios hoje impostos à educação como um todo parecem assumir dimensão ainda maior. Neste contexto, torna-se absolutamente indispensável a vigília constante sobre nossas práticas educativas, bem como inaceitável a negligência sobre os conflitos entre as realidades ‘de dentro’ e ‘de fora’ da sala de aula. Visamos, neste sentido, com nossas observações, a uma tentativa de superação de alguns entraves reforçados, muitas vezes, pela insistência numa postura tradicional-academicista, que pouco tem a fazer por nossos alunos, imersos no mundo da novidade e da agilidade tecnológica. A apropriação consciente dos recursos tecnológicos pode, a nosso ver, contribuir para uma aprendizagem consistente do ‘filosofar’, seja pelo acesso e difusão de imagens (artísticas, inclusive) e ideias consonantes com a realidade concreta, as aptidões e necessidades reais dos estudantes na atualidade, seja pelas possibilidades de criação e intervenção, por parte destes mesmos estudantes, propiciadas pelo uso das tecnologias e da internet. Nossa proposta é, também, fruto da aplicação em nível médio de alguns dos conceitos e abordagens elaborados durante as aulas do curso de Doutorado (UERJ) sobre as relações entre Filosofia e Cinema. Estabelecem, assim, uma importante conexão entre a pesquisa acadêmica e a prática de ensino. Foram utilizados na fundamentação deste projeto noções e conceitos pertinentes à filosofia de Friedrich Nietzsche em seus escritos sobre Educação; o pensamento de Michel Serres acerca das relações entre educação e tecnologia; as ideias de Edgar Morin sobre a complexidade da educação na atualidade e a teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia, ensino médio, mídias, internet.

Sem que nos déssemos conta, um novo ser humano nasceu, no curto espaço de tempo que nos separa dos anos 1970.

Eles não têm mais o mesmo corpo, a mesma expectativa de vida, não se comunicam mais da mesma maneira, não percebem mais o mesmo mundo, não vivem mais na mesma natureza, não habitam mais o mesmo espaço.

Nascidos com peridural e data programada, não temem mais, sob cuidados paliativos, a mesma morte.

Não tendo mais a mesma cabeça que os pais, é de outra forma que eles conhecem.

É de outra forma que escrevem. [...]

Eles não falam mais a mesma língua.¹

A profundidade da crise atravessada pela educação (brasileira, sul-americana, mundial) nos últimos anos, cujos efeitos podem ser sentidos por toda a sociedade – crianças e adultos, profissionais do ensino e das mais diversas áreas, cidadãos em

¹ SERRES, M. (2012). *Polegarzinha*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

geral, governantes – impactou e modificou irreversivelmente a atividade docente em todos os seus níveis, modalidades e disciplinas. A globalização, o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, o forte apelo das mídias de massa ao entretenimento e ao consumo, enfim, a drástica mudança nos valores que tradicionalmente norteavam as relações entre os seres humanos, alteraram decisivamente a função e o valor da educação escolar. Decorrentes do complexo de transformações socioculturais, políticas, econômicas, tecnológicas que se encontram nos fundamentos desta crise, as contradições se impõem, parecendo ampliar as dificuldades e os desafios na esfera pedagógica: de um lado, as especificidades de cada ramo do saber a serem consideradas (a valorização da diversidade nos modos de conhecer); de outro, a necessidade de articulação entre estes mesmos ramos, de modo condizente com a realidade da vida. Não é mais possível pensar nem atuar como se a educação fosse um bloco único e homogêneo, tampouco como se fosse o simples somatório de partes isoladas. Ao mesmo tempo, o suporte tecnológico passa a condicionar a maior parte dos processos de divulgação e acesso às informações e de construção do conhecimento, provocando o que se pode mesmo entender como uma revolução do intelecto: “as ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à *Wikipédia* ou ao *Facebook* não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro-negro ou do caderno”² – e que não se perca de vista o caráter ambíguo das tecnologias que, enquanto invenções humanas, trazem consigo, de modo concomitante, tanto as possibilidades mais promissoras quanto as mais nocivas. Tal não significa, contudo, que a escola tenha perdido definitivamente sua importância e que nada mais possa ser feito em termos pedagógicos (sistemáticos e intencionais) pela formação. Muito pelo contrário. A complexidade da problemática presente e a gravidade de seus efeitos denotam a urgência de uma reformulação radical nos processos e propósitos da educação escolar. Hoje, mais do que nunca, faz-se necessária a reflexão, a elaboração teórica, a experimentação prática e a avaliação constante dos resultados, na procura pela compreensão do novo lugar da escola em nossa sociedade, em função, é claro, das novas demandas dos estudantes. Assim, também o papel do professor é posto em xeque, muito embora não perca sua importância no processo de ensino-aprendizagem. Sobre este ponto, a análise de Edgar Morin é bastante esclarecedora:

A figura do professor é determinante para a consolidação de um modelo ideal de educação. Na internet, os alunos podem ter acesso a todo tipo de conhecimento sem um professor. Então, eu pergunto: o que faz necessária a presença de um professor? Ele deve ser o regente da orquestra, observar o fluxo desses conhecimentos e elucidar as dúvidas dos alunos. [...] O papel do professor precisa passar por uma transformação, já que a criança não aprende apenas com os amigos, a família, a escola. Outro ponto importante: é necessário criar meios de transmissão do conhecimento a serviço da curiosidade dos alunos. O modelo de educação, sobretudo, não pode ignorar a curiosidade das crianças.³

Somos, pois, impulsionados a buscar, dia após dia, recursos e estratégias que auxiliem nosso trabalho e, principalmente, possibilitem o alcance de resultados

² Idem.

³ MORIN, E. (2014). *Extra*: 17 de agosto de 2014, pág. 31. (entrevista concedida ao jornal Extra, Rio de Janeiro, Brasil)

positivos, qualitativos, reais, que reflitam a inserção e a compreensão dos alunos sobre o mundo que os cerca.

Identificados os pontos cardinais – as reconfigurações do mundo em todos os seus domínios (e, conseqüentemente, do conhecimento, ora complexo, diversificado, dinâmico, que se constrói sobre o mesmo); o reconhecimento da necessidade da atenção ao educando em sua singularidade (as informações prévias às quais pôde ter acesso, seu modo próprio de pesquisa e solução dos problemas, através, inclusive, do uso das tecnologias e da internet, etc.) –, emerge a questão que aqui nos compete: como situar e compreender *hoje* o âmbito e o sentido da Filosofia como componente curricular em nível médio? As palavras de Michel Serres, na abertura deste trabalho, dão prova da grandeza da tarefa. A mutação contemporânea se reflete sensivelmente no pensamento filosófico, já que seus objetos – o corpo, o tempo, a vida, a linguagem, a percepção, a natureza, o espaço, o conhecimento, a morte, mencionados por Serres – alteram-se profundamente. Assim, além dos problemas relativos à escola, ao ensino e à aprendizagem em geral, e das dificuldades inerentes aos saberes teóricos, abstratos e rigorosos frente ao mundo do prático-imediato, o ensino de Filosofia enfrenta um problema constitutivo, por assim dizer: o da tentativa de compreensão da existência humana em seu conjunto, existência ora cindida, desnorteada, inédita, ou, mais precisamente, *existências* do hoje e do ontem, tão diversas nas perspectivas, mas que necessitam dialogar. Certamente, uma das questões mais importantes a serem consideradas diz respeito à maneira pela qual a Filosofia e seus conteúdos foram tradicionalmente abordados na forma de disciplina escolar (falamos aqui do ensino básico, diferente, evidentemente, do universitário). Em geral, predominou e ainda resiste a preocupação com a manutenção de certos aspectos que supostamente fariam da Filosofia “o que ela é”. A saber, a exclusiva utilização dos textos originais dos filósofos, com o privilégio a uma abordagem sequencial-histórica; a leitura e reprodução de tais textos e de tal nexo sequencial pelos alunos como método *mais correto* de aprendizagem do filosofar; a restrição dos recursos e materiais utilizados ao que seria “propriamente filosófico” – os livros. Entretanto, consideradas as transformações nos modos de vida e de pensamento, bem como os avanços nos conhecimentos pedagógicos (como em todas as áreas), e tendo em vista a natureza mesma da Filosofia enquanto *livre* pensar, nos parece no mínimo restritiva a obrigatoriedade de ensinar aos alunos filosofar partindo de uma *definição* do que é ou não filosófico – definição esta que se funda num outro tempo e num outro espaço, vale sublinhar – destacando, assim, a priori, o pensamento do mundo em sua atualidade e necessidades.

Diante de tal problemática, este trabalho pretende contribuir para a construção, já em andamento, cumpre ressaltar⁴, dos novos caminhos no ensino de Filosofia em nível médio, a partir de observações e sugestões extraídas de fontes diversas: de minha trajetória profissional e da atual experiência como professora no Colégio Pedro II; dos estudos em nível de pós-graduação, em especial no Curso de Doutorado Acadêmico em Filosofia, em andamento atualmente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, junto à Professora Rosa Maria Dias, minha orientadora⁵. As opções

⁴ Podemos citar, dentre tantas experiências inovadoras bem sucedidas, o trabalho do Professor Paulo Malafaia, no Colégio Pedro II, que alia Filosofia e música brasileira – “Samba da Origem da Filosofia”; “Samba do Parmênides”; “Samba do Heráclito” –, cujo material é oferecido aos alunos através do acesso ao Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=HIRzQVF7GCK> (Samba do Heráclito).

⁵ Foi essencial para a percepção dos problemas aqui abordados, como para as propostas apresentadas, a experiência das aulas do Doutorado na UERJ sobre Filosofia e Cinema, onde, junto às professoras Rosa Dias e Marly Bulcão e aos colegas de curso, foi possível compreender a função ilustrativa e esclarecedora da imagem fílmica em relação às ideias filosóficas e, mais que isto, o caráter

teóricas aqui referenciadas devem-se, portanto, em parte a meu percurso acadêmico (e minha especialização no pensamento nietzschiano), em parte às necessidades concretas da prática docente, tendo sido utilizadas, principalmente, as ideias dos filósofos Friedrich Nietzsche, Edgar Morin e Michel Serres, além da pedagogia de David Ausubel, teses que frequentemente atendem com notável adequação às demandas atuais ao preconizarem uma aprendizagem com sentido real para os estudantes.

Ao longo das últimas décadas, tem-se tornado a cada dia mais difícil (desnecessário, talvez) manter o ensino de Filosofia dentro dos moldes tradicionais e, ao mesmo tempo, despertar o interesse dos alunos ou, pelo menos, fazer com que o modo filosófico de pensar repercuta significativamente. Tornou-se inevitável – no meu caso, de início, à maneira de uma experimentação algo intuitiva, pouco a pouco convertida em escolha metodológica consciente, sancionada pelas teorias pedagógicas e perspectivas filosóficas contemporâneas – a adoção de recursos e abordagens diferentes do formato “leitura - exposição oral - reprodução escrita”. Textos e materiais “não filosóficos”, imagens, produções artísticas, músicas, filmes, reportagens, situações cotidianas (aliados, é claro, a um conteúdo central, especificamente filosófico, porém não mais tão concentrado, nem tão fechado), mostraram-se eficazes como motivadores do pensamento e mesmo como objetos do filosofar, além de evidenciarem o caráter complexo do conhecimento ao conjugarem elementos das mais diversas áreas. Tais inovações não são, de fato, tão novas assim, é importante que se diga, mas, surpreendentemente, continuam a gerar alguma resistência devida, em grande parte, à força de uma tradição que punha em primeiro lugar a manutenção de um *status* filosófico (histórico, cultural, político), ainda que em detrimento das reais necessidades dos estudantes. Contudo, o espaço e a importância adquiridos pelas novas tecnologias e pela internet nos últimos anos, em especial pelas redes sociais e pelos sites de armazenamento e divulgação de mídias, ou, mais que isto, a instauração de uma efetiva “era digital”, com livre acesso à informação e grande velocidade no processamento e transmissão dos dados modifica inevitavelmente o ambiente escolar e torna imperativa a revisão dos conteúdos e métodos de ensino da Filosofia.

A respeito da formação humana e do papel pedagógico da Filosofia, Nietzsche foi um dos pensadores que apresentaram as mais agudas preocupações. Diante do processo de transição do ‘mundo moderno’ para um ‘novo mundo’ – momento de consolidação das bases da realidade que hoje conhecemos –, Nietzsche abordou incisivamente a problemática da educação, tanto em seu aspecto mais geral, da cultura, quanto na esfera particular da educação escolar, e enfatizou a relação indissolúvel entre o ensino, a aprendizagem e a vida. Ademais, procurou ao longo de toda sua obra compreender os limites e potencialidades da própria Filosofia, entendida ela mesma como um produto dos modos de ser, de viver, humanos, portanto relativa, contextual. Seria, entretanto, possível questionar a atualidade de sua produção (datada do século dezenove), bem como a pertinência de suas considerações (dirigidas a um contexto europeu) às necessidades do presente trabalho. Mas ressalvadas as distâncias que separam nosso olhar da perspectiva do filósofo, encontramos sem dúvida entre suas ideias os valiosos instrumentos para a compreensão da gênese do mundo contemporâneo e das questões relativas à formação e à educação escolar em seus meios e fins na atualidade. Do ponto de vista da crítica, Nietzsche apresenta-nos um diagnóstico da cultura moderna ocidental (e um prognóstico da cultura ‘pós-moderna’, por assim dizer) e dedica parte de seus

instigante, promotor da sensibilidade estética, da reflexão crítica e da criatividade dos alunos, inerente a este tipo de imagem.

esforços à investigação e à denúncia dos problemas que afetavam as instituições de ensino de seu tempo. Identifica, então, duas “tendências” que, a seu ver, enfraqueciam a educação formal. Em primeiro lugar, a da “extensão máxima da cultura”, ou seja, da democratização e expansão a todo custo do ensino escolar tendo em vista prioritariamente a formação de mão de obra e de mercado consumidor:

Neste caso vemos que o objetivo último da cultura é a utilidade, ou, mais concretamente, o lucro, um benefício em dinheiro que seja o maior possível. Tomando como base esta tendência, a cultura se definiria como a habilidade através da qual alguém se mantém “à altura de nossa época”, com a qual se conhecem todos os caminhos que permitem enriquecer do modo mais fácil, com a qual se dominam todos os meios úteis ao comércio entre os homens e entre os povos. Com isso, o autêntico problema da cultura consistiria em educar a tantos homens “correntes” quanto possível, no sentido em que se chama de “corrente” a uma moeda. (tradução nossa)⁶

Complementarmente, aponta a tendência da “redução máxima da cultura”, da formação dedicada à formação dos “especialistas” – exímios conhecedores de saberes pontuais – em consonância com a fragmentação moderna do mundo do trabalho e da ciência, subordinados às necessidades do mercado, deslocados, contudo, das reais necessidades da vida:

Efetivamente, o estudo das ciências está tão amplamente estendido, que quem queira ainda produzir algo neste campo, e possua bons dotes, ainda que não excepcionais, deverá dedicar-se a um ramo completamente especializado e permanecer, por outro lado, indiferente a todos os demais. Deste modo, ainda que seja em sua especialidade superior ao *vulgus*, em todo o resto, ou seja, em todos os problemas essenciais, não será diferente deste. Assim, pois, tal estudioso, exclusivamente especialista, é semelhante ao operário de uma fábrica, que durante toda sua vida não faz outra coisa que determinado parafuso e determinado cabo, para determinado utensílio ou para determinada máquina, no que indubitavelmente chegará a ter incrível maestria. (tradução nossa)⁷

Portanto, ainda que os alvos visados pelo filósofo pertençam a uma realidade particular, sua mirada filosófica logra alcançar as bases de um processo que viria a se firmar e expandir na contemporaneidade. Sintomas de uma ruptura irreversível, propriedades de uma nova configuração de vida econômica e sociocultural, os “males a serem combatidos” na visão do pensador (aristocrático em termos culturais, cujos elevados ideais de educação encontravam-se na Paideia grega, cumpre ressaltar) apontavam para o contexto atual, antecipavam seus conflitos e suas demandas. Com efeito, vemo-nos hoje diante da consolidação de tais “tendências” quando precisamos atender a um número crescente de estudantes matriculados nas escolas, muitas vezes, a despeito de suas vontades e interesses pessoais. Além disso, precisamos encontrar os meios para recompor saberes que perderam seu sentido com a fragmentação do mundo e do conhecimento, e perderam seu valor, submersos na profusão vertiginosa do acesso à informação.

⁶ NIETZSCHE, F. (1872). *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino: primeira conferência*. [http://www.nietzscheana.com.ar/textos/primera_conferencia.htm]. Tradução para o espanhol de Carlos Manzano publicada por Tusquets, Barcelona, setembro de 2000.

⁷ Idem.

Se, deste modo, o pensamento nietzschiano permite a identificação da gênese das situações determinantes da educação contemporânea, constituindo para nós uma importante ferramenta, as proposições do filósofo acerca do ensino de Filosofia e sua compreensão sobre a natureza mesma do filosofar fornecem-nos ainda as mais efetivas contribuições ao encaminhamento de um projeto educacional e filosófico contemporâneo. Isto porque, para Nietzsche, o ensino de Filosofia constitui um dos pilares da formação que conduz à “verdadeira cultura” e deve sempre priorizar os vínculos inextricáveis entre a Filosofia e a vida. Neste sentido, o filósofo critica a conversão moderna do saber filosófico em saber histórico, ou seja, na mera repetição do que já foi pensado e legitimado pelos filósofos consagrados pela tradição. Clama pelo impulso genuíno ao filosofar, pela promoção do pensamento como resposta e estímulo à vida. Destaca justamente a juventude como o momento mais propício ao vislumbre e à apreensão das questões essenciais que revelam o sentido e o valor da Filosofia na existência humana, ao mesmo tempo em que alerta para a necessidade de orientação do jovem pelo professor:

O homem se vê tão assediado pelos problemas mais sérios e mais difíceis, que, se é guiado a estes corretamente, cairá imediatamente neste assombro filosófico duradouro que é o único em que, como sobre uma base fecunda, pode fundamentar-se e crescer uma cultura mais profunda e mais nobre. Suas próprias experiências o conduzem com maior frequência a estes problemas, e sobretudo no tumultuoso período da juventude quase todos os acontecimentos pessoais se refletem com dupla luz, como exemplificações de uma realidade cotidiana e, ao mesmo tempo, como exemplificações de um problema eterno, surpreendente e digno de explicação. Nesta idade, em que vê suas experiências envoltas, por assim dizer, num arco-íris metafísico, o homem sente a necessidade suprema de uma mão que o guie, já que se convenceu repentina e quase instintivamente da ambiguidade da existência e perdeu o terreno sólido das opiniões tradicionais sustentadas até então. (tradução nossa)⁸

Tais considerações nos inspiram na busca por recursos que favoreçam o ensino e a aprendizagem da Filosofia com um sentido real, na recusa ao tratamento ‘meramente histórico’ de temas e problemas cruciais, de enorme potencial formador (e transformador) nas vidas dos estudantes. Sabemos que a Filosofia não é, nunca foi, o simples inventário de ideias e sistemas. Muito pelo contrário, consiste no movimento que, consonante à dinâmica da vida, promoveu e sempre pode de novo promover ideias e sistemas. Se, por um lado, é interessante e importante apresentar aos alunos o edifício do saber filosófico, suas origens, a tradição e a crítica, seus efeitos sobre a atualidade, parece-nos ainda mais crucial despertar em cada um a percepção do sentido filosófico da existência e do conhecimento que daí se constitui, fomentando assim a elaboração do próprio filosofar. É precisamente neste intuito que se propõe aqui a renovação dos métodos de ensino, a revisão dos objetos de estudo, a posição e o acolhimento constantes de novas perguntas e de novas respostas. A leitura e a produção textual (que devem ser sempre incentivadas, não apenas no espaço da escola, não apenas ‘por obrigação’, mas em qualquer tempo e lugar) se constituíram, inquestionavelmente, como elementos fundamentais do processo de ensino-

⁸ NIETZSCHE, F. (1872). *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino: quinta conferência*. [http://www.nietzscheana.com.ar/textos/quinta_conferencia.htm]. Tradução para o espanhol de Carlos Manzano publicada por Tusquets, Barcelona, setembro de 2000.

aprendizagem da Filosofia como de grande parte dos processos de formação escolar em geral no correr da história e da cultura ocidentais. Nem mesmo o fato de, muitas vezes, os alunos preferirem aulas ‘diferenciadas’ significa que devemos abandonar o formato escrito. Entretanto, no intuito de aproximação entre o que se pensa e o que se vive hoje, a consideração da realidade vivenciada pelos estudantes (e também por nós, professores) motiva a abertura a outros recursos midiáticos e a outras tecnologias disponíveis – já presentes e predominantes nos mais diversos campos da vida, por que, então, excluídos do filosofar?

No que concerne à prática concreta, venho, desde o início de minha carreira docente, há cerca de dez anos, experimentando o uso das várias mídias e tecnologias e observando seus efeitos nas aulas de Filosofia – cabe ressaltar a crescente aceleração no ritmo das inovações, bem como o crescente e insistente uso dos aparelhos tecnológicos pelos alunos no ambiente escolar. Mais recentemente, a profusão dos computadores portáteis (notebooks, tablets, smartphones) e a onipresença das redes sociais e dos sites de compartilhamento têm provocado, dia após dia, a intensa reflexão (e alguma angústia) por parte de todos nós, profissionais da educação, a respeito da adequação de nossas práticas aos interesses e modos de pensar dos jovens, já que tais aparelhos introduzem concretamente, objetivamente, a realidade no espaço da sala de aula. Entre as inúmeras possibilidades de trabalho a partir da apropriação destas tecnologias, a utilização dos vídeos postados em sites de compartilhamento tem se mostrado bastante proveitosa e promissora. Isto porque tais sites contêm uma enorme variedade de conteúdos para livre acesso (mídias audiovisuais, de forte apelo comunicativo), que podem, com a devida orientação, despertar a atenção, estimular a pesquisa e desenvolver nos alunos a capacidade de crítica e seleção, essencial à leitura de mundo nos mais diversos campos da vida; além de possibilitarem a divulgação de produções realizadas por qualquer pessoa – inclusive os próprios estudantes – estimulando a criação e a intervenção na realidade. Um vídeo compartilhado pela Internet (cujo teor seja relevante e atenda aos propósitos e intenções do curso dado, é claro) revela, por si mesmo, seu caráter contextualizado, seu vínculo concreto com o mundo real, já que faz parte do complexo de informações disponibilizadas e acessadas socialmente, globalmente, independentemente dos conceitos e prescrições determinados somente pelo cânone escolar. Partindo desta compreensão, utilizamos ao longo do último semestre (2014/1) vários vídeos (filosóficos, artísticos, jornalísticos, etc.) disponíveis na rede entre os conteúdos e atividades oferecidos aos alunos do ensino médio no Colégio Pedro II – um bom exemplo seria a animação em curta metragem *Fallen art*, apresentado numa das aulas sobre a filosofia sobre Walter Benjamin, que questiona a produção de entretenimento a partir do uso da violência e do sofrimento dos mais fracos, e torna clara a técnica de feitura e edição de um filme a partir da fotografia – tão diferente das técnicas digitais atuais e cujo conhecimento mostra-se essencial à compreensão da problemática apontada por Benjamin. Os vídeos foram exibidos em aula ou recomendados para atividades extraclasse, como conteúdo introdutório aos temas, estratégia para a compreensão de conceitos, base para debates e avaliações ou simplesmente como material complementar de estudo, tendo frequentemente provocado o incremento no interesse e na participação dos alunos, demonstrando que a apropriação das ferramentas midiáticas e tecnológicas pela escola, de modo consciente e orientado, pode enriquecer a formação em geral e estimular o pensamento filosófico de modo mais específico. Esta percepção pode ser confirmada pelos depoimentos dados por alguns de nossos alunos, quando consultados sobre o uso das mídias digitais em sala de aula:

“As mídias digitais devem ser incorporadas às aulas de Filosofia, pois sites como o Youtube possuem milhões de informações importantes, as

quais podem enriquecer e tornar as aulas mais dinâmicas e menos cansativas, ou seja, utilizar a tecnologia em sala de aula é o primeiro passo para romper com o arcaico método de educação e estimular a criatividade e o aprendizado do aluno.” (Caio, 3ª série)

“O uso das mídias digitais é de grande importância didática para a aula, visto que a Filosofia requer certa quantidade de leitura e da fala do professor, tornando [o ensino] monótono e dificultando a captação da atenção do aluno. O uso [das mídias] faz uma dinamização das aulas, que desperta a atenção e o interesse, já que o jovem atual é mais interessado em mídias digitais.” (Filipe, 3ª série)

“O uso dessas mídias favorece bastante o enriquecimento das aulas de Filosofia. Isto não apenas se deve ao fato que se aumenta a atenção e a curiosidade por parte dos alunos ao conteúdo das aulas, mas também expande possibilidades de melhor entendimento, pois os textos utilizados no estudo dessa área de conhecimento não costumam ser acessados ou até mesmo apreciados pelos alunos. Além disso, trata-se de um uso positivo das mídias (difusão do conhecimento) que merece e deve ser valorizado nas instituições de ensino.” (Mariana, 3ª série)⁹

Do ponto de vista da psicologia da cognição, que procura compreender os processos mentais de construção e assimilação do conhecimento, as presentes propostas encontram suporte na teoria da “aprendizagem significativa”, de David Ausubel – obra de referência em diversos estudos da pedagogia atual, que assume como premissa fundamental dos processos de aprendizagem o arcabouço conceitual do educando: “a ideia central da teoria de Ausubel é a de que o fator isolado mais importante influenciando a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe”. Noutras palavras, os conhecimentos de que o aluno já dispõe, provenientes de suas experiências singulares (escolares ou não) e de seu modo próprio de compreensão das mesmas, constituem o ponto de partida para a cognição, conferindo sentido a todo conhecimento novo, devendo, portanto, ser sempre valorizados no processo de ensino-aprendizagem. Ainda que não se pretenda aqui apresentar um detalhamento desta teoria ou ilustrar sua aplicação como método de ensino, nos parece bastante pertinente a referência a suas ideias principais como instrumento para a compreensão dos modos de conhecer dos estudantes e de sua relação necessária com o ambiente, a vida, o pensamento. A educação tradicional, da qual somos ainda herdeiros (de modo especial no ensino de Filosofia, de viés fortemente acadêmico) costumava, em sua rigidez e parcialidade, ver e manter o aluno numa posição de receptividade e passividade em relação a um conteúdo legitimado e transmitido pelo professor – conteúdo muitas vezes oferecido também ao professor ‘de cima para baixo’, de modo heterônomo e arbitrário. Assim, no que se refere ao pensamento filosófico, os problemas, as questões, as ideias, que constituem o corpo da Filosofia eram apresentados aos estudantes como já postos e já solucionados pelos grandes pensadores – pertencentes a uma outra época, situados num outro lugar, sem qualquer conexão com a realidade atual. Ora, o grande filósofo Immanuel Kant, já no século XVIII, afirmou com propriedade não ser possível ensinar a Filosofia, mas somente o filosofar. Tal simplesmente atesta o que parece evidente, mas que nem sempre se vê: a Filosofia pressupõe a *atividade* daquele que filosofa, implicando, a nosso ver, sua consciência, sua vontade, sua afetividade. Assim, a ação educativa,

⁹ Depoimentos fornecidos pelos alunos da 3ª série do Colégio Pedro II nas aulas de Filosofia do 1º semestre de 2014.

ainda de modo mais enfático no campo da *philosophia*, do *amor pelo saber*, solicita a pessoa em sua integralidade: a consciência, a intenção de quem ensina (e aprende) como a de quem aprende (e ensina); requer seu envolvimento real com as atividades e a assunção e apropriação de seus resultados. A importância da atividade do aluno a quem se pretende fazer filosofar e também do professor a conduzir este processo filosoficamente se atesta ainda pela identificação dos efeitos de uma postura passiva, do ensino e da aprendizagem meramente mecânicos, que se tornam bastante claros a partir do texto de Marco Antônio Moreira, acerca do pensamento ausubeliano:

Todos nós estamos, constantemente, na vida familiar ou no trabalho, fora ou dentro da escola, tomando decisões, sozinhos ou com outras pessoas. Algumas vezes, a tomada de decisões é fruto daquilo que *queremos*; outras, é resultante do determinismo, do que *devemos* – do que está estabelecido em leis, estatutos, senso comum, etc. E esse *devemos*, muitas vezes, resulta da consciência que temos do risco de sermos eliminados de funções das quais depende nossa sobrevivência; outras vezes, o *devemos* impõe-se pelo hábito estabelecido ou porque se considera que a maioria pensa melhor do que apenas um indivíduo, e, portanto, o que a maioria costuma fazer é o que deve estar certo.

Essas duas situações que levam à ação pelo dever parecem caracterizar-se pelo fato de que o homem que a pratica renuncia a sua maneira pessoal de ver, compreender e agir. O significado pessoal é um mero reflexo do significado de outra pessoa: há um papel passivo de quem age. À medida que o processo se torna mais impessoal, reduz-se a responsabilidade e a participação ativa nas decisões, sendo, assim, necessário apenas executar.¹⁰

É, portanto, em atenção à personalidade do aluno como insumo fundamental da aprendizagem, solo a partir do qual necessariamente ocorre a construção do saber, que Ausubel reposiciona e revaloriza os diversos componentes dos processos formativos. A questão da seleção dos conteúdos e métodos, por exemplo, adquire um caráter inteiramente novo ao ser considerada em função dos recursos pessoais do aluno. Ausubel observa que os conteúdos não podem ser selecionados ou apresentados pela escola de modo arbitrário, pois precisam encontrar “ancoragem” no conhecimento de que o aluno já dispõe, e que a aprendizagem se processa de modo dinâmico e complexo, em que experiências remotas e recentes se conectam e reelaboram incessantemente. Sendo assim, consideramos que a utilização de materiais mais próximos da realidade do estudante (no caso presente, dos vídeos disponíveis na internet) pode facilitar a integração entre saberes novos – o conteúdo filosófico propriamente dito, por exemplo – e saberes já assimilados – extraídos de situações de aprendizagem anteriores e da vivência concreta, esta última impregnada, atualmente, pelas tecnologias digitais e pelo uso da internet, promovendo, deste modo, a construção de um real significado para a Filosofia aprendida na escola.

Nossa proposta de ‘uso de recursos midiáticos nas aulas de Filosofia na era da tecnologia digital’ vem ao encontro do que pensamos serem alguns dos primeiros passos para a reconstrução e a reavaliação da atividade educativa escolar e, de modo mais específico, do ensino de Filosofia. Nova linguagem, novo método, novos temas fazem-se necessários diante das novas inteligências que emergem, à espera de compreensão e orientação. Nas palavras de Serres:

¹⁰ MASINI, E. F. S.; MOREIRA, M. A. (1982). *Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes, 1982.

Nossa inteligência saiu da cabeça ossuda e neuronal. Entre nossas mãos, a caixa-computador contém e põe de fato em funcionamento o que antigamente chamávamos nossas “faculdades”: uma memória mil vezes mais poderosa do que a nossa; uma imaginação equipada com milhões de ícones; um raciocínio, também, já que programas podem resolver cem problemas que não resolveríamos sozinhos. Nossa cabeça foi lançada à nossa frente, nessa caixa cognitiva objetivada.

Passada a decapitação, o que resta acima dos nossos ombros? A intuição inovadora e vivaz. De dentro da caixa, o aprendizado nos permite a alegria incandescente de inventar. Combustão: estamos condenados à inteligência?¹¹

É neste intuito de uma reforma que reconcilie a inteligência, o pensamento e a vida, abrindo espaço para a intuição e a inovação, celebradas por Serres, que apostamos na fecundidade da apropriação dos recursos e das tecnologias, não apenas os aqui mencionados, mas de todos aqueles que façam parte da vida dos estudantes e que, deste modo, possam ser relevantes e úteis para a sua formação. Parece-nos irrecusável o reconhecimento da amplitude e da profundidade da mudança que ocorre incessante, sem esperar pelo nosso aval. Se não sabemos ainda como desempenhar a tarefa educativa de modo adequado e eficaz, sabemos, contudo, a partir de resultados observáveis, como não mais desempenhá-la. A utilização dos vídeos disponibilizados é apenas um entre tantos caminhos que se abrem. Talvez seja até mesmo um dos mais óbvios, se considerarmos a riqueza de opções que surgem num mundo que parece convocar-nos à inventividade. Se não valem mais as antigas autoridades, as antigas instituições, nem os antigos saberes, talvez seja este o momento propício à invenção e à afirmação de um novo modo de ser, de conhecer e colaborar, baseado na comunicação global e na acessibilidade entre os indivíduos e suas produções, a partir do qual, a despeito do tão propagado individualismo contemporâneo, estes mesmos indivíduos possam assumir uma nova solidariedade, uma nova compreensão da vida em sua totalidade, ensinada e estimulada pela escola.

Links dos vídeos utilizados nas aulas de Filosofia do Colégio Pedro II – 1ª e 3ª séries do ensino médio – 1º semestre/2014:

Fallen art – Tomek Baginski

https://www.youtube.com/watch?v=4_7ojVm806c

(utilizado nas aulas da 3ª série sobre a filosofia de Walter Benjamin e a problemática da reprodutibilidade técnica)

Human, all too human – BBC

<https://www.youtube.com/watch?v=3EGOwduWVKA>

(utilizado nas aulas da 3ª série sobre a filosofia de Friedrich Nietzsche)

Janela da alma – Wim Wenders (trecho com depoimento de José Saramago sobre a Alegoria da caverna)

<https://www.youtube.com/watch?v=XvKzrsAk168>

(utilizado nas aulas da 1ª série sobre a filosofia de Platão)

¹¹ SERRES, M. (2012). *Polegarzinha*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Meu amigo Nietzsche – Fáuston da Silva

<https://www.youtube.com/watch?v=UJqIpV4EKgM>

(utilizado nas aulas da 3ª série sobre a filosofia de Friedrich Nietzsche)

Ser ou não ser – Viviane Mosé (série de episódios sobre Filosofia, exibidos no programa Fantástico, Rede Globo de Televisão)

<https://www.youtube.com/watch?v=YIREcUSztSE>

(utilizado nas aulas da 1ª série sobre a filosofia de Platão)

Steal this film II – The league of the noble peers

<https://www.youtube.com/watch?v=j0BZYiEfsGs>

(utilizado nas aulas da 3ª série sobre a filosofia de Walter Benjamin e a problemática da reprodutibilidade técnica)

BIBLIOGRAFIA:

DIAS, Rosa Maria. (2003). *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 2003. (Pensamento e ação no magistério)

MASINI, Elcie F. Salzano; MOREIRA, Marco Antônio. (1982). *Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes, 1982.

MORIN, Edgar. (2014). *Extra*: 17 de agosto de 2014, pág. 31. (entrevista concedida ao jornal Extra, Rio de Janeiro, Brasil)

NIETZSCHE, Friedrich. (1872). *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*. [http://www.nietzscheana.com.ar/textos/quinta_conferencia.htm]. Tradução para o espanhol de Carlos Manzano publicada por Tusquets, Barcelona, setembro de 2000.

SERRES, Michel. (2012). *Polegarzinha*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VASQUES, Joseane. (2010) *Cultura e criação: o problema da formação para uma filosofia do porvir*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. (monografia)